

ÍCONE E SÍMBOLO: A SEMIÓTICA PEIRCEANA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

ÍCON AND SYMBOL: THE PEIRCE'S SEMIÓTIC IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Cynthia Gabriele Eufrosina Meira¹
Edileine Pereira¹
Karina Batista Domingues Sarzi¹
Mayara Santos Souza Peixoto¹

¹ Universidade do Sagrado Coração - USC Bauru. Licenciatura em Letras Português e Inglês
Contato:
Cynthia Meira - cynthia.meira91@gmail.com

MEIRA, Cynthia Gabriele Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

RESUMO

O presente artigo visa discutir uma temática pouco explorada na literatura pertinente, compreendida pela análise linguística da Língua Brasileira de Sinais sob a perspectiva da iconicidade e arbitrariedade, extraídas da semiótica peirceana. Para tanto, será abordado um dos elementos da tríade, representado pelo objeto, explorando onde cada signo da língua gestual exemplificado se enquadra entre ícone e símbolo. Para fins dessa classificação, os sinais dados como ícones são definidos a partir do olhar de quem não conhece a língua, pela semelhança com o objeto ou conceito retratado, enquanto os dados como arbitrários ou enquadrados como símbolos são definidos pelo mesmo olhar, porém, por serem signos convencionados, são compreendidos apenas pelos falantes do idioma.

Recebido em: 16/10/2017
Aceito em: 20/12/2017

Palavras-chave: Libras. Peirce. Objeto. Ícone Símbolo.

ABSTRACT

This article intends to discuss a theme insufficiently explored in the pertinent literature, which is understood by the linguistic analysis of the Brazilian language of signs through the perspective of the iconicity and arbitrariness extracted from Peirce's semiotics. For this, it will be approached one of the triad elements represented by the object and it will also explore where each sign of the sign language fits between icon and symbol. For this classification, the signs considered are defined through a perspective of someone who does not know the sign language, by the resemblance of the object or the concept portrayed, while the arbitrary or portrayed symbols are defined by the same view. However, because they are agreed signs, they will only be understood by speakers of the idiom.

Keywords: Libras. Peirce. Object Icon Symbol.

INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa surgiu a partir da constatação da pouca bibliografia existente no Brasil de um estudo aprofundado da Libras pela ótica das diversas teorias linguísticas estudadas no curso de Letras, como Saussure, Greimas, Pottier, Peirce, dentre outros. Paralelamente, observa-se um grande potencial de pesquisa e descobertas que podem ser desencadeadas, propiciando um avanço linguístico extremamente relevante para a sociedade.

Para a elaboração desse artigo foi fundamental tanto um entendimento maior da teoria de Peirce quanto o conhecimento prévio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), de forma a articular com clareza argumentos para solidificar as posições defendidas. Uma das poucas publicações encontradas para embasar esse artigo foi a denominada "Análise Semiótica da Língua de Sinais", a qual adota um enfoque mais amplo e generalista, englobando as línguas de sinais como um todo.

MEIRA, Cinthia Gabrielle Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

MEIRA, Cinthia Gabrielle Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

Com efeito, ao abordar aqui uma pequena fração da teoria de Peirce, salta aos olhos a necessidade de um estudo mais completo e aprofundado, abarcando todos os aspectos da teoria, estudo esse que ainda não foi realizado. O que nos remete a uma reflexão sobre o futuro desdobramento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o nosso papel em ativamente contribuir para essa evolução.

O SIGNO NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA PEIRCEANA

A semiótica de Charles Sanders Peirce se baseia em uma concepção triádica dos signos, categorizando-os em *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*, que são os pilares onde se sustenta toda sua teoria. As três categorias podem ser aplicadas a toda experiência e pensamento, pois, para Peirce, todo pensamento é um signo, assim como o próprio homem. É considerado, portanto, tudo aquilo que se força sobre nós, impondo-se ao nosso reconhecimento, ou seja, tudo o que aparece à consciência e o faz numa gradação de três propriedades. Em suma: **Primeiridade** é tudo que está na mente de alguém no instante presente e imediato, é a primeira sensação sentida; **secundidade** é o factual, é a reação aos fatos externos, é o representar de si mesmo, é a ação do sentimento sobre nós; e por fim, **terceiridade**, que é a interpretação do fenômeno, é quando um objeto passa a representar alguma coisa (signo convencionalizado).

Peirce concebe o signo em uma tríade formada pelo *representamen* (aquilo que funciona como signo para quem o percebe), pelo *objeto* (aquilo que é referido pelo signo) e pelo *interpretante* (o efeito do signo naquele ou naquilo que o interpreta): (FIGURA 1)

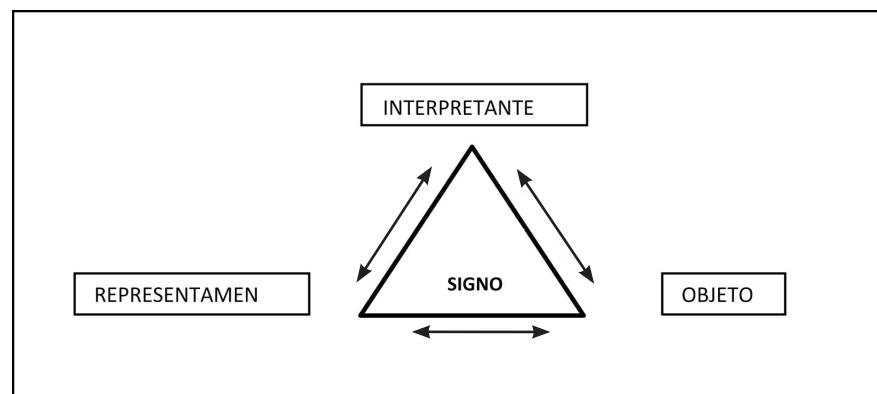


FIGURA 1 – Fonte: Ilustração elaborada pelas autoras a partir das informações do texto.

Para cada um dos três conceitos referenciados, por sua vez, há uma tricotomia. Para fins dessa análise, nos aprofundaremos no *objeto*.

OBJETO: ÍCONE, ÍNDICE E SÍMBOLO

Do ponto de vista do objeto, o signo pode ser classificado como ícone, índice ou símbolo:

Ícone: é um signo que renuncia à existência de um objeto, pois pode significar o objeto. O signo referenciado tem alguma semelhança com o objeto representado. Sobre a teoria de Peirce, Epstein (1997) pontua que “os ícones comunicam de forma imediata porque são imediatamente percebidos: quadros, desenhos, estruturas, modelos, esquemas, predicados, metáforas, comparações, figuras lógicas e poéticas, etc”.

Índice: é um signo que se aproxima através de alguma ligação com a existência. Tem relação direta com o objeto e nos mostra algo que aconteceu ou vai acontecer. Ao contrário do ícone, necessita de algo para existir. Ex.: nuvem > chuva; pegadas > alguém passou por ali.

Símbolo: é um signo que existe através de uma regra, convencional ou não. Refere-se ao que possa concretizar a ideia ligada à palavra, é um produto cultural criado, a relação é convencional e arbitrária. O símbolo peirceano foi fundamentado na arbitrariedade do signo de Saussure, que dispõe:

“O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou seja, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário.” (Saussure, 1914/2006: 81).

Tendo por base os conceitos devidamente contextualizados da teoria de Peirce, é possível classificar os sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), corpus desse artigo, quanto ícone ou símbolo, resguardadas suas respectivas características.

SINAIS EM LIBRAS: ÍCONES OU SÍMBOLOS?

O ícone, enquanto signo que representa o objeto por similaridade, possui as mesmas características que o objeto e mantém o significado mesmo que esse desapareça (iconicidade). Por essa definição,

MEIRA, Cinthia Gabrielle Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

MEIRA, Cinthia Gabrielle Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

muitos sinais da Língua Brasileira de Sinais são icônicos por sua capacidade de reproduzir visualmente os objetos no ar, como por exemplo, os sinais de “ovo” (movimento de quebrar o ovo), “leite” (movimento de tirar leite da vaca), “copo” (simulação do ato de segurar um copo) e bola (simulação do ato de segurar uma bola): (FIGURA 2)



Figura 2 – Fonte: Google Images

Gesser (2009) ressalta que “a iconicidade é utilizada na língua de sinais de forma convencional e sistemática”. A iconicidade dos sinais pode ser também empiricamente comprovada quando, ao executá-los isoladamente, um indivíduo leigo em Libras entenda com facilidade, ao associá-lo (sinal) ao objeto.

Os sinais classificados como símbolos, por outro lado, não são entendidos por leigos, por não guardarem relação alguma de similaridade com o objeto referenciado, ou seja, os signos são convencionados e arbitrários. Segundo Quadros e Karnopp, (2004) quanto à arbitrariedade, “dizer que as línguas têm essa característica é dizer que as línguas são convencionadas e regidas por regras específicas.” Ilustrando, assim como na língua portuguesa não há relação entre a forma e o significado da palavra “conhecimento”, da mesma forma não há essa relação na LIBRAS. Assim sendo, os sinais convencionados são compreendidos apenas pelos falantes da língua espaço-visual. São exemplos de sinais arbitrários os signos “verde” e “professor”. (FIGURA 3)

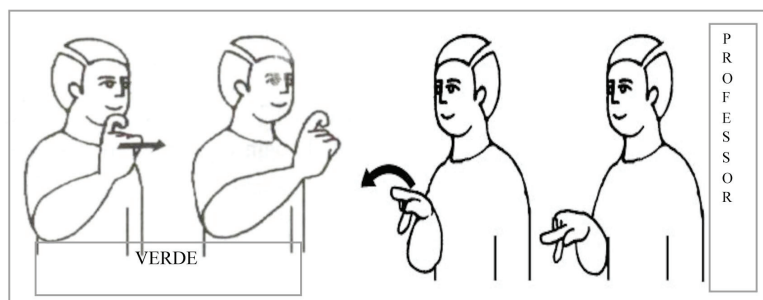


Figura 3 – Fonte: Google Images

A partir de uma visão mais ampla, observa-se que em relação às línguas orais-auditivas, as línguas espaço-visuais apresentam um número infinitamente maior de signos icônicos, por sua capacidade em reproduzir visualmente o objeto representado, enquanto no caso das línguas orais isso ocorre em menor grau pelas onomatopéias.

ÍNDICE: O ELO FALTANTE DA TRICOTOMIA

Quando se revisa a bibliografia existente, aliando as línguas de sinais à tríade peirceana, fica claro que os autores se voltam majoritariamente para o quesito iconicidade versus arbitrariedade, uma abordagem clássica nos estudos linguísticos. O índice, elo faltante da tricotomia do *objeto* de Peirce, é suprimido nos textos, exceto por uma breve conceituação, pressupondo-o irrelevante para o objetivo do texto ou pesquisa realizada.

De acordo com Peirce (2005), pode ser considerado índice tudo o que estabeleça uma conexão entre os signos ou partes da experiência. Pegadas no chão supõem que alguém passou por ali, assim como fumaça é sinal de fogo. Há, portanto, uma ligação entre os fatos ocorridos. Essa ligação é justamente o elo de transição entre o ícone e o símbolo, entendida como pertencente ao nível da Secundidade, onde é lançado um segundo olhar, mais atento, interpretativo. Para que essa interpretação ocorra, antes é necessária a existência de um intelecto capaz de estabelecer tais conexões (entre o signo e o fato).

O método utilizado por muitos estudantes na aprendizagem formal ou informal de LIBRAS para memorizar os sinais podem ser qualificados como índices, vez que, ao apreenderem determinado sinal convencional, associa-o ao conceito representado por guardar alguma semelhança com algum outro signo, fato ou objeto relacionado. Por essa perspectiva, podemos listar, por exemplo, o signo “amarelo” cujo sinal em LIBRAS é descrito com o dedo indicador deslizando para baixo ao lado do nariz. Por associação, podemos inferir que o sinal remete ao muco que sai das narinas, que, muitas vezes, apresenta uma tonalidade amarelada. Da mesma forma, muitos sinais convencionados de cidades, por exemplo, apresentam características que remetem às peculiaridades, seja dos locais em si ou pela semelhança da própria grafia/fonética do signo: o sinal de “Bauru” remete ao famoso lanche homônimo; “Lençóis Paulista” a um lenço sendo usado; “Botucatu” ao sinal de abacate, etc.

MEIRA, Cinthia Gabrielle Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

MEIRA, Cinthia Gabrielle Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

Os exemplos citados são uma amostra de uma característica que ocorre com frequência no léxico da língua brasileira de sinais, para além dos fenômenos de iconicidade e arbitrariedade, mais amplamente embasados na literatura pertinente.

Com base nessas classificações, pode-se inferir que o conhecimento dos sinais estabelecidos como “ícone”, “índice” e “símbolo” poderiam potencialmente influenciar o ensino de LIBRAS tal qual é ministrado hoje na educação formal e não formal, desde o nível básico, valendo-se para tanto da interdisciplinaridade, na forma defendida por Jantsch & Bianchetti (1995), que define:

“a interdisciplinaridade também pode ser exercida individualmente, ou seja, apenas um professor pode utilizar a interdisciplinaridade como estratégia de ensino em sua disciplina, (...) a interdisciplinaridade é construída a partir do conhecimento disciplinar.”

A interdisciplinaridade, no presente caso, se traduz na articulação do ensino de LIBRAS com o ensino da teoria de Peirce, como ferramenta fornecida ao discente para a construção do próprio conhecimento, aliando o saber (teorias) à prática (domínio linguístico), de modo a internalizar o conhecimento de forma mais eficaz ao entender, antes dos signos gestuais por si, os mecanismos por trás do funcionamento da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da semiótica em Peirce visa, em síntese, a produção de significados através do processo de semiose que se dá pela dinâmica entre os três componentes de um signo: o *representamen*, o *objeto* e o *interpretante*. No caso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), esses signos são os sinais que a compõem. Ao classificar os signos quanto ícone, índice ou símbolo, constata-se que, ainda que a ocorrência de iconicidade seja maior se comparada às línguas orais, predomina ainda seu caráter arbitrário, tanto que apenas é efetivamente compreendida pelos fluentes. E a ocorrência frequente também, de índices, constatada pelas conexões estabelecidas entre os sinais e objetos, conceitos ou signos a que remetem.

A pesquisa iniciada aqui abre margem, dada a escassa literatura existente, à pesquisas mais aprofundadas, partindo de Peirce para ramificarem-se rumo a outras teorias, tendo por alvo o enriquecimento da LIBRAS quanto língua consolidada, contribuindo para a desmistificação desta tida, pejorativamente, como sublíngua.

As pesquisas científicas relacionadas às línguas de sinais são relativamente recentes, vindo a ser contempladas apenas a partir de 1960, com os estudos do linguista americano William Stokoe. Tendo por parâmetro as línguas orais, cujas investigações vêm ocorrendo há cerca de trezentos anos, urge a necessidade de aprofundamento das pesquisas relacionando as diversas vertentes da semiótica às línguas gestuais, que apresentam um grande potencial de avanço na linguística moderna, assim como seu estudo relacionado as mais diversas áreas.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras - Palavras de função gramatical**. v. 8. São Paulo: (Fundação) Vitae, Fapesp: CAPES: EDUSP, 2005.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução a linguística: Objetos Teóricos**. 6 ed., São Paulo: Contexto, 2010.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. 1ª ed. São Paulo: Ed Parábola, 2011.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

LIPPE, E.; ALVES, F. **Educação para os surdos no Brasil: Desafios e Perspectivas para o Novo Milênio**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014.

PIERCE, C. S. **Semiótica**. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIVETTA, E. M.; SAITO, D. S.; FLOR, C. S.; PERASSI, L. S. R. **Análise Semiótica da Língua de Sinais**. UFSC, Brasil. p. 260-271.

MEIRA, Cinthia Gabrielle Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

MEIRA, Cinthia Gabrielle Eufrosina; PEREIRA, Edileine; SARZI, Karina Batista Domingues; PEIXOTO, Mayara Santos Souza. *Ícone e símbolo: a semiótica Peirceana na língua brasileira de sinais*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 2, p. 157-166, 2017.

Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/viewFile/18432/10361>>.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira** – estudos linguísticos. 2 ed. Porto Alegre/SP: Ed. Artmed, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

